

Comunicação Antirracista: proposta de indicadores para uma formulação teórico-conceitual¹

Paulo Victor Melo²
ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Resumo

O presente trabalho apresenta uma proposta de sistematização de indicadores que contribuam no entendimento da comunicação antirracista enquanto uma formulação teórico-conceitual que extrapola os aspectos da representação e da inclusão e a considera um processo estrutural, articulado por diferentes dimensões econômicas, políticas, culturais e ambientais e comprometido com a superação das desigualdades no campo das comunicações.

Palavra-chave: comunicação antirracista; estudos críticos sobre raça; economia política das comunicações.

Este texto parte da inquietação com a banalização dos termos “antirracismo” e “antirracista”. De analistas econômicos alinhados com a concentração de renda, passando por comentaristas políticos identificados com os setores mais conservadores da institucionalidade, até os ditos “influencers” em vídeos de 30 segundos, diferentes grupos têm recorrido às palavras antirracismo ou antirracista para qualificar discursos e práticas que pouco dizem sobre a necessidade de superação do racismo enquanto arma ideológica de dominação (Moura, 1994), como produto de uma estrutura sócio-histórica de produção e reprodução de riquezas (Oliveira, 2021) e como estrutura fundante da sociedade brasileira (Nascimento, 1989; Ratts, 2007). Um caso emblemático desta banalização foi o anúncio de um [“compromisso antirracista”](#) pelo grupo Carrefour, meses após o assassinato de João Alberto, em novembro de 2020, no estacionamento de uma unidade do grupo em Porto Alegre.

No campo das comunicações, este processo também é percebido. Não raro, grupos de mídia privado-comercial, que se desenvolveram a partir da estigmatização de expressões culturais afro-brasileiras e de silenciamentos de organizações do movimento negro, atribuem a adjetivação “antirracista” a iniciativas que, por exemplo, limitam-se a

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Pesquisador integrado do ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa. Doutor em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia. E-mail: paulo.melo@iscte-iul.pt

incluir pessoas negras em frente às câmeras ou que visibilizam mais conteúdos com protagonismo de pessoas negras. Por exemplo, ao lançar uma campanha em novembro de 2022, a Fundação Roberto Marinho, vinculada ao Grupo Globo, declarou que [“o compromisso antirracista está presente em todas as soluções educacionais da Fundação”](#). Será mesmo possível o maior conglomerado de comunicações do Brasil ter um “compromisso antirracista”? O que, para além do elenco de ações, que se verificam sobretudo no mês de novembro, compõe este termo?

De modo a dialogar com estas questões, o objetivo deste trabalho, aqui apresentado em resumo, é propor a sistematização de indicadores que consolidem uma formulação teórico-conceitual sobre comunicação antirracista que exponha as contradições de um antirracismo “estruturado pelos limites da vida capitalista” e que mantém “intocado o significante raça que dá sustentação à ordem excludente e desigual do capitalismo” (Barros, 2020, s/p).

Em termos metodológicos, o estudo parte de uma revisão crítica da literatura sobre a temática, a partir da análise de textos publicados em Anais de eventos científicos da área de Comunicação no Brasil. Quais significados são atribuídos às expressões antirracismo e antirracista nesses trabalhos? Quais são as principais referências teóricas que sustentam a adoção dos termos? Esta revisão será importante para compreender as potencialidades e também limites do estado da arte da pesquisa sobre comunicação antirracista no Brasil. Após esta revisão, e com base nos estudos críticos sobre raça e na perspectiva da economia política das comunicações, serão articulados indicadores em quatro dimensões – econômicas, políticas, culturais e ambientais, que visem a ultrapassagem de um debate centrado nos aspectos da representação e da inclusão. Essas dimensões coadunam com o entendimento de que os meios de comunicação operam como recurso de manutenção do *status quo* (Borges & Borges, 2012) e de favorecimento da branquitude enquanto padrão de humanidade (Silva, Santos & Rocha, 2010) e expressão de privilégios (Bento, 2022).

Assim, a proposta é que esses indicadores, não entendidos aqui como instrumentos de avaliação sobre iniciativas individualizadas, contribuam como mecanismo de análise crítica e de apontamento de alternativas para uma comunicação pautada no antirracismo enquanto processo estrutural, que articula diferentes dimensões e comprometido com a superação das desigualdades.

Referências

- BARROS, D. **Os limites do antirracismo liberal**. Jacobin, 2020. Disponível em: <https://jacobin.com.br/2020/07/os-limites-do-antirracismo-liberal/>
- BENTO, C. **Pacto da branquitude**. 1.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- BORGES, R. C. da; BORGES, R. (Orgs.). **Mídia e racismo**. Brasília: ABPN, 2012.
- MOURA, C. O racismo como arma ideológica de dominação. **Revista Princípios**, 34, pp. 28-38, 1994. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/tematica/revistas/principios/pdf/034.pdf>
- NASCIMENTO, B. (Roteiro e Narração). **Ôrí** – documentário. Direção: Raquel Gerber. 1989 (90 min.)
- OLIVEIRA, D. de. **Racismo estrutural**: uma perspectiva histórico-crítica. São Paulo: Editora Dandara, 2021.
- RATTS, A. **Eu sou atlântica**: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo: Imprensa Oficial, 2007.
- SILVA, P. V. B. da; SANTOS, W. O. dos; ROCHA, N. G. Racismo discursivo, legislação e proposições para a televisão pública brasileira In **O Negro na TV Pública**. ARAUJO, J. Z. (Org.) Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2010.